



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS**

ATSON PEREIRA SUASSUNA

**UMA ANÁLISE DA CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DA ALEGORIA DO
NEOLIBERALISMO NA OBRA: *O SANTO E A PORCA*, DE ARIANO
SUASSUNA**

**PATU
2022**

ATSON PEREIRA SUASSUNA

**UMA ANÁLISE DA CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DA ALEGORIA DO
NEOLIBERALISMO NA OBRA: *O SANTO E A PORCA*, DE ARIANO
SUASSUNA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN- Campus Avançado de Patu- CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Beatriz Pazini Ferreira

**PATU
2022**

ATSON PEREIRA SUASSUNA

**UMA ANÁLISE DA CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DA ALEGORIA DO
NEOLIBERALISMO NA OBRA: O SANTO E A PORCA, DE ARIANO
SUASSUNA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN- Campus Avançado de Patu- CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Beatriz Pazini Ferreira

Aprovado em_27/09/2022

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Beatriz Pazini Ferreira
Presidente

Prof^a Dra. Annie Tarsis Morais Figueredo (UERN)
Examinadora 1

Prof^a Ma. Maria Lara Rocha (UERN)
Examinadora 2

ATSON PEREIRA SUASSUNA

UMA ANÁLISE DA CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DA ALEGORIA DO NEOLIBERALISMO
NA OBRA: O SANTO E A PORCA, DE ARIANO SUASSUNA

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN-
Campus Avançado de Patu-CAP,
Departamento de Letras, como requisito
obrigatório para obtenção do título de
Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa.
ORIENTADORA: Profa. Dra. Beatriz Pazini
Ferreira

Aprovado em 27/09/2022.

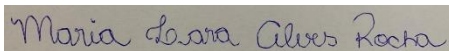
Banca Examinadora



Prof^a. Dra. Beatriz Pazini Ferreira
Presidente



Prof^a Dra. Annie Tarsis Morais Figueredo (UERN)
Examinadora 1



Prof^a Ma. Maria Lara Rocha (UERN)
Examinadora 2

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande**

S939a Suassuna, Atson Pereira
UMA ANÁLISE DA CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DA
ALEGORIA DO NEOLIBERALISMO NA OBRA: O SANTO
E A PORCA, DE ARIANO SUASSUNA. / Atson Pereira
Suassuna. - Patu, 2022.
32p.

Orientador(a): Profa. Dra. Beatriz Pazini Ferreira.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas
respectivas Literaturas). I. Pazini Ferreira, Beatriz. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

do Norte.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

Dedico este trabalho a Ariano Suassuna (in memoriam). Foi através dos seus escritos que vivi inúmeras vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) que me possibilitou uma visão especial acerca da literatura, levando ao entendimento desta como expressão de arte, fuga, denúncia social dentre tantos outros aspectos que a leitura proporciona ao leitor.

Agradeço, em especial, pela oportunidade de ter aula com professoras totalmente implicadas com o ensino humanizado, a Prof^a. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo que em suas aulas me ensinou a necessidade da leitura de ser, sobretudo, um ato de amor, pelo acolhimento, acessibilidade, conversas e sorrisos.

As professoras Dra. Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo e Prof^a. Dra. Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé, por se dispor a contribuir na concretização dessa conquista, pela acessibilidade e pela contribuição na minha evolução intelectual.

Agradeço mais especialmente a minha orientadora, Prof^a. Dra. Beatriz Pazini Ferreira, que caminhou junto a mim, contribuindo com toda paciência e benevolência para que esse sonho se concretizasse. Finalizo esse ciclo certo de que seus ensinamentos jamais serão esquecidos.

Aos meus maiores tesouros, meus pais Francimeire Pereira Teles e José Agildo Suassuna Sobrinho (*in memoriam*) por ter me ensinado a simplicidade, o respeito e humildade.

Aos amigos e amigas que estiveram sempre torcendo por mim.

Finalizando, agradeço a disponibilidade da banca, por suas revisões e olhares sobre o texto.

Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver (ARIANO SUASSUNA).

RESUMO

Esse estudo monográfico analisa, reflete e discute acerca da crítica social, a metáfora do neoliberalismo, através da obra: *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna. Buscamos compreender como o escritor Suassuna cristaliza a crítica social através da relação entre o personagem principal da obra Eurício e sua relação com o Santo e a Porca. É justamente no desenrolar desse fio dramático que centramos o nosso olhar analítico para a pesquisa. Objetivamos refletir acerca dos conceitos teóricos de símbolos, signos e sistema neoliberal. Além disso, reverberamos pelas idiossincrasias e particularidades do texto dramático de Ariano com a intenção de aprofundamos uma análise mais sólida sobre o nosso objeto de estudo. Para tanto, recorreremos para aproximações teóricas comestudiosos que fornecem condições para nossas investigações, são eles Bakhtin(2006); Bourdieu (2021); Dardot e Laval (2013), entre outros.

Palavras-chave: Ariano Suassuna; *O Santo e a Porca*; Ideologia; Neoliberalismo.

ABSTRACT

This monographic study analyzes, reflects and discusses about social criticism through the show: The metaphor of neoliberalism in the work: “O Santo e a Porca” by Ariano Suassuna, trying to understand how the writer Suassuna crystallizes social criticism through the relationship between the character of the work Euricão and its relationship with the Saint and the Pig, it is precisely in the unfolding of this narrative thread that we will focus the analytical look of this research. We seek to reflect on the theoretical concepts of symbols, signs and the neoliberal system. In addition, we reverberate through the idiosyncracies and particularities of Ariano's narrative with the intention of deepening a more solid analysis of our object of study. To this end, we resort to theoretical approximations with scholars that provide conditions for our investigations, namely Bakhtin (2006); Bourdieu (2021); Dardot and Laval (2013), among others.

Keywords: Ariano Suassuna; The Saint and the Pig; Ideology; Neoliberalism.

SUMÁRIO

Primeiras Palavras	10
ENTRE O SANTO E A PORCA: A IDEOLOGIA E CRITICA SOCIAL DE ARIANO SUASSUNA	13
ENTRE A PORCA E O NEOLIBERALISMO: UMA CAMINHADA PELA CRITICA SOCIAL	25
ÚLTIMAS PALAVRAS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

PRIMEIRAS PALAVRAS

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a forma que o dramaturgo Ariano Suassuna cristaliza por meio de sua produção teatral uma crítica social ao neoliberalismo e, conseqüentemente, ao modo de vida capitalista. Pensando por esse viés, escolhemos a obra *O Santo e a Porca*, uma peça publicada no ano de 1957, em que o fio condutor da trama é centrado no desenrolar da história de um personagem avarento denominado de Euricão Árabe, conhecido por todos os outros como um velho “razinza” e “agarrado”.

O enredo discorre sobre a devoção que Euricão tem por Santo Antônio e por uma porca de madeira em que ele guarda todas as economias de sua vida. É justamente na sua relação com essa porca que irá se desenrolar a trama analítica dessa pesquisa, tendo em consideração que o simbolismo que tal objeto carrega nos lança a possibilidade de olhar para esse elemento, bem como para sua relação com Euricão e como a partir disso se desenvolve todos os envoltimentos da trama.

Para Dardot e Laval (2013), o neoliberalismo não é somente uma ideologia, é uma forma de política econômica, um sistema que tem influência no mundo inteiro, conseqüentemente a sua lógica do capital engloba todas as relações sociais e esferas de vida, provocando uma espécie de egoísmo social, da negação de solidariedade e das redistribuições de rendas. Portanto, é na construção da principal característica de Euricão, a avareza, que encontramos a crítica social ao modelo neoliberal.

Importante ressaltar que a história se desenrola de forma bastante simples, sendo a linguagem extremamente clara, então o leitor não precisa ter um repertório amplo de esforço intelectual para conseguir compreender a narrativa. Assim sendo, Ariano Suassuna apresenta sua crítica social de forma bastante delicada, sutil, permeada de simbolismo e comédia, alcançando a multidão através do espetáculo.

Joel Pontes *apud* Gonçalves (2020), explica que o texto do dramaturgo Suassuna encanta os leitores pois engloba as histórias de folhetos de cordel, o bumba-meu-boi, o mamulengo, além de outros símbolos que caracterizam sua leitura da cultura popular, sendo Ariano um escritor/dramaturgo dos detalhes, nada colocado em

sua obra é estocástica ou desatinais, pois ele é um observador do povo nordestino, tendo buscado conversar com cordelistas, contadores de causos, artistas plásticos, músicos. A fim de melhor conhecer e compreender a população da qual iriam tecer.

Na voz de Gonçalves (2020), o escritor Ariano foi, a princípio, um grande admirador do povo nordestino, de sua terra, por isso em suas narrativas o sertão nordestino é o espaço em que se desenrola todas as suas histórias, uma terra ancestral, esotérica. É a partir dessa percepção que iremos lançar nosso olhar de pesquisador para a obra *O Santo e a porca*, é nas particularidades e idiossincrasia dessa narrativa, em uma terra de atmosfera poetizada pelo escritor, no desenrolar do fio narrativo dos seus personagens, na relação de Euricão com sua porca e seu devotamento a Santo Antônio que iremos construir nossa análise.

Tendo em vista que nada na obra Suassuna é posto ao acaso, essa pesquisa procura responder o seguinte questionamento: Como a crítica ao sistema neoliberal é percebida através da relação tríplice entre Euricão, o Santo e a Porca? Portanto, pensando nesse questionamento, se desdobra nossa objetivo geral: Identificar os símbolos presentes na obra que constrói uma crítica social ao modelo capitalista, os específicos, buscamos nos familiarizar com a obra escolhida, bem como os conceitos de simbolismo, teatro, espetáculo, definir as simbologias contidas no *Santo e a Porca*, identificar como essa dualidade lança a possibilidade da existência da crítica social, e como a partir disso, exemplificar como Euricão se constrói como um indivíduo de mente capitalista.

Posto isso, esse trabalho se dividirá em dois momentos, no primeiro capítulo, intitulado: “Entre o santo e a porca: A ideologia e crítica social de Ariano Suassuna” buscamos nos familiarizar com a obra escolhida e a trajetória intelectual do autor, bem como os conceitos de simbolismo, teatro, espetáculo. No segundo movimento é o momento de mergulhar nos conceitos de neoliberalismo e capitalismo.

Refletindo que essa pesquisa objetiva desenvolver uma discussão teórica-analítica acerca da presente obra, ancorando-se em conceitos como simbolismo, palavra, leitor, ideologia e neoliberalismo. Inicialmente lançamos nosso olhar sobre os pressupostos teóricos de Bakhtin (2006), para em seguida correlacionar o entrelaçamento desses conceitos com a história analisada.

De início, ressaltamos que não existe a pretensão de desenvolvermos todos os conceitos atribuídos a Bakhtin (2006), ao refletir sobre a relação linguagem e ideologia, mas se pretende trazer algumas elucubrações consideradas pertinentes para auxiliar o caminho teórico-metodológico proposto nesta pesquisa.

2 ENTRE O SANTO E A PORCA: A IDEOLOGIA E A CRÍTICA SOCIAL DE ARIANO SUASSUNA

Em 16 de junho de 1927, nasce Ariano Vilar Suassuna no Palácio da Redenção, na cidade Nossa Senhora das Neves, atualmente intitulada João Pessoa, capital da Paraíba, filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna, então na época governador da Paraíba e de Rita de Cássia Dantas Villar. Ariano cresceu em uma família nobre da região, passando os primeiros anos de sua infância na fazenda Acahuan, no município de Souza, no sertão do Estado.

Em 1947, Ariano Suassuna escreveu sua primeira peça, *Uma Mulher Vestida de Sol*. Em 1948, a obra *Cantam as Harpas de Sião (ou O Desertor de Princesa)* foi montada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco. Em 1956, publica *O Castigo da Soberba* (1953), *O Rico Avarento* (1954), mas foi com o *Auto da Compadecida* (1955), que houve explosão na qual projetou em todo o país o texto mais popular do moderno teatro brasileiro. Em 1959, em companhia de Hermilo Borba Filho, fundou o Teatro Popular do Nordeste (TPN), que montou em seguida a *Farsa da Boa Preguiça* (1960) e *A Caseira e a Catarina* (1962). Entre as mais conhecidas da carreira do escritor estão *Auto da compadecida*, de 1955, e *O Santo e a Porca*, de 1957, a primeira, inclusive, ganhou uma adaptação na televisão, em 1998, com direção de Guel Arraes.

Ariano Suassuna, em 1970, a partir do Movimento Armorial, marcou a construção da identidade nordestina cultivando e espalhando por todo país as formas tradicionais da cultura popular nordestina. Depois, Suassuna foi homenageado pela mídia televisivas sendo suas obras adaptadas para o cinema e para a minissérie.

Ariano Suassuna buscou um teatro que revelasse o Brasil, a cultura popular nordestina, como ocorre no Cordel que é reproduzido com a tradição do teatro ocidental, ou seja, diálogo entre a cultura erudita e a popular, além do aspecto religioso. Suassuna vinculou um teatro que integrasse outras artes como o próprio Cordel, máscaras, canto, dança, música e roupas. Nas obras de Suassuna, há elementos da comicidade popular e também do trágico.

O fio condutor da trama da peça *O Santo e a Porca*, objeto dessa pesquisa, é centrado no desenrolar da história de uma personagem avarento denominado de Euricão Árabe, conhecido por todos os outros como um velho “razinza” e “agarrado”. O enredo discorre sobre a devoção que Euricão tem por Santo Antônio e por uma porca de madeira em que ele guarda todas as economias de sua vida.

O Santo e a Porca que é dividida em três atos: apresentação dos personagens, desenvolvimento e clímax. A temática é a avareza, pois a personagem principal guarda todas suas economias em uma porca de madeira e sua vida gira em torno desse objeto, visto que tem medo que os outros descubram o seu segredo. Mas ao mesmo tempo, é devoto de Santo Antônio. Então, a peça absorve contornos sagrados e profanos. Trata-se de um texto cômico, mas que apresenta uma reflexão sobre as ações humanas daqueles que estão condenados ao mundo material (a porca de madeira) e ao mundo espiritual (Santo Antônio) simultaneamente. A peça foi inspirada em *Aululária* do autor Plauto, escrita no século II a.C, mas sob um contexto nordestino da literatura de cordel recriando, portanto, uma trama mais cômica.

O enredo de *O Santo e a Porca* basicamente conta a história de Eurico Árabe, conhecido como Euricão, um velho avarento que é devoto de Santo Antônio e esconde em sua casa uma porca de madeira que contém suas economias. A todo o momento, Euricão pensa em proteger a sua porca, principalmente quando o fazendeiro Eudoro Vicente pede a mão da Margarida, sua filha, em casamento. Caroba, a empregada de Euricão, apronta muitas confusões para acabar com os preparativos para o casamento. Entretanto, a aflição maior de Euricão está na cena em que Dodó confessa para Euricão que esteve no quarto de Margarida, mas a obsessão pelo dinheiro é tanta que o pai da moça fica preocupado com a porca de madeira. Será que Dodó tentou roubar?

O conflito central do enredo é constituído pelas ações da personagem Euricão que busca alcançar objetivo material e utiliza a porca envolvendo outras personagens na intriga. A obra poética é uma espécie de diálogo entre texto-leitor: o “diálogo não é apenas a comunicação em voz alta, mas toda a comunicação verbal, inclusive o livro impresso, que é feito para ser estudado, comentado e criticado de maneira

ativa pelo leitor” (COSTA, 1998, p. 25). Interpretar os símbolos é uma forma de entender o que há nas entrelinhas, pois há conteúdos que estão implícitos. Bakhtin (2006) legitima a fala e a enunciação ligada à natureza social, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais, assim “a palavra é a arena onde se confrontam valores sociais” (BAKHTIN, 2006, p.7). Os conflitos existentes na língua refletem diretamente os embates no interior desse sistema e a comunicação verbal implica conflitos, encontros de dominação e de resistência, sendo possível a classe dominante utilizar a língua como uma ferramenta para reforçar seu poder, mas, também, é possível aos grupos oprimidos utilizar a língua como uma forma de resistência. Posto isto, desprendemos nosso olhar para o seguinte trecho da peça:

EURICÃO — Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, ai a carestia!
Tudo que se compra é pela hora da morte!

CAROBÁ — E o que é que o senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO — Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar!
Mas Santo Antônio me protege! (SUASSUNA, 2012. p.21).

Nesse momento, Euricão está reclamando da situação financeira, utilizando palavras como “carestia”, ditados populares “tudo que se compra é pela hora da morte”, em contrapartida na mesma cena, deparamos com a resposta da personagem Caroba, uma de suas empregadas respondendo “Só falta matar a gente de fome”. Euricão possui uma pequena fazenda, com alguns empregados. Esses vivem em condições desumanas, sem nenhum tipo de direito. Euricão se utiliza de um discurso e uma linguagem que leva a acreditar que o mesmo é um indivíduo pobre passando por necessidades, consequentemente seus funcionários vivem nessa realidade. De acordo com Candido (1976):

No teatro, todavia, torna-se necessário, não só traduzir em palavras, tornar consciente o que deveria permanecer em semiconsciência, mas ainda comunicá-lo de algum modo através do diálogo, já que o espectador, ao contrário do leitor do romance, não tem acesso direto à consciência moral ou psicológica da personagem (CANDIDO, 1976, p.67).

Ao longo da peça, vemos que Euricão é uma pessoa avarenta, que não paga seus salários obrigando a viverem somente com o mínimo, pois objetiva juntar a maior quantidade de dinheiro em sua porca. Essa veracidade só é possível notar por meio do diálogo das personagens em condições inferiores ao Euricão.

A linguagem é utilizada como forma de reforçar, pois quando os funcionários cobram seus direitos, Euricão utiliza de discursos opressores para não ter que ceder: “EURICÃO – [...] Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de sentir mal!” (SUASSUNA, 2012, p.46). Em contrapartida os funcionários continuam utilizando de falas e discursos para lembrar que o patrão não paga o que é devido:

DODÓ — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo! (SUASSUNA, 2012, p.66).

Para Bakhtin (2006), a enunciação é compreendida como uma replicação do diálogo social, sendo o discurso (diálogo consigo mesmo ou exterior) de natureza social e, portanto, ideológico, ou seja, não existe fora de um contexto social. Assim, cada locutor tem uma espécie de esfera social, nessa conjectura, “a palavra é o signo ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2006, p.6). De forma privilegiada, a palavra difunde a ideologia, então “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, 2006, p. 22). Portanto, uma língua utilizada por determinada comunidade possui regras gramaticais específicas ao seu sistema, mas os sujeitos que a utilizam o fazem diante do contexto social em que estão inseridos:

EURICÃO — Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!
 CAROBA — Mas Seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!
 EURICÃO — E é por isso mesmo que eu estou com medo. Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com essa safadeza! Santo Antônio, Santo Antônio! (SUASSUNA, 2012, p.22).

Identificamos falas regionais e expressões bem características do povo nordestino. De acordo com Saussure (2001) pode-se refletir a língua como um sistema de signos que exprime ideias, a partir dessa reflexão é possível

conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social. É através desse pensamento Saussuriano que nessa pesquisa concebemos a porca e o santo como signos revestidos de significações sociais. Euricão se vale de Santo Antônio como forma de clamar por proteção e em diversas outras partes da peça isto acontece.

Neste ponto, é importante ressaltar que Santo Antônio apesar de ser mais comumente conhecido como “Santo Casamenteiro”. Ele também é intitulado como “padroeiro dos humildes”, pois durante sua vida, ficou bastante famoso por distribuir alimentos aos menos favorecidos e é também protetor das coisas perdidas. O povo nordestino se destaca por sua religiosidade. As personagens criadas por Ariano vivem o sofrimento que diversos indivíduos dessa região foram acometidos, como seca, escassez de alimentos, se tornando a fé seu lugar de refúgio e esperança que a vida poderia melhorar.

Então, Euricão é colocado como devoto desse santo e, frequentemente, clama por ele, principalmente nas falas em que advoga não ter dinheiro: “EURICÃO — Aí a crise, aí a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antônio me proteja!” (SUASSUNA, 2012, p.21). É uma linguagem permeada por significações, construindo uma personagem que representa os diversos homens simples nordestinos, que viveram uma vida de privações e encontra na fé, no caso do personagem Euricão. No signo do Santo um local de paz, alguém que possa escutar seu sofrimento. É nessa fé que a personagem não se sente completamente sozinho.

Neste ponto, recorreremos a Kowzan (1978). Diversos teóricos e realizadores do teatro utilizam o termo “signo” ao se referir a elementos artísticos ou meios de expressões teatrais, advogando que a arte do espetáculo é um espaço onde o signo se manifesta com maior riqueza de variedade e densidade, pois a palavra utilizada nesse espaço, pode ser um signo de objetos, de pessoas, de sentimentos, dependendo do contexto em que o autor do texto quis clarificar. Portanto, em uma peça teatral tudo é signo:

EURICÃO — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar!
Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Árabe, Eurico Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os

ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega (SUASSUNA, 2012. p. 26).

De acordo com Kowzan (1978), os signos de que se utilizam a arte teatral pertencem todas as categorias dos signos artificiais, ou seja, resultam de um processo voluntário são colocados com premeditação a fim de se comunicar com o leitor. Nesse trecho, Euricão fala da sua porca. Um objeto antigo que herdou da avó e que está repleto com suas economias de toda uma vida. A porca representa o trabalho de sua vida e, conseqüentemente, representa a obsessão que essa personagem tem o dinheiro, pois apesar de ter uma verdade “butija” como é falado na peça teatral, ele vive da maneira mais pobre possível:

CAROBA — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO — (*Arriando numa cadeira.*) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio! (SUASSUNA, 2012, p.34).

Euricão, escondendo de todos que possui dinheiro guardado dentro da porca, pois são economias para ele ter uma boa velhice. Contudo, a personagem já se encontra em uma idade avançada, mas não usufrui do dinheiro que possui, Euricão tem a mentalidade capitalista de economizar: guarda todo o seu dinheiro na esperança de viver melhor, deixando de pagar seus funcionários e, muitas vezes, não oferecendo nem comida para eles. Contudo, ele também vive nessa situação. No capítulo dois, discutimos a crítica social ao sistema neoliberal e nas condições de existência de quem não consegue representar a camada social favorecida desse aparelho a partir da relação entre Euricão e o dinheiro.

Aqui, é necessário se debruçar sobre o signo a porca. É bastante comum verificar que pequenas famílias de classe sociais baixas que as economias são guardadas em cofres que representam visualmente o formato de um porco. O objeto só pode ser aberto quando se quebra o cofre. O porco também é símbolo

da caderneta de poupança. Existe uma teoria bem aceita do porque a imagem do porco ser associada aos cofres e ao dinheiro. O francês Sebastian la Preste¹ calculou que uma porca poderia gerar por ano seis milhões de filhotes sendo, portanto, um animal símbolo da fertilidade. A porca de Ericão é um signo que representa sua avareza, o guardar. Nessa perspectiva:

O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 7).

Ou seja, de acordo com Bourdieu (1989) é através de sistema simbólico, por exemplo, a língua, a arte, religião que a força do poder simbólico se revela. Ainda nessa perspectiva, na voz de Chevalier e Gheerbrant (1982), o símbolo, representa muito mais do que um signo, pois está carregado de dinamismo:

Quando o desenho de uma roda não passa de um signo ou sinal: quando usada, porém, em relação ao Sol, aos ciclos cósmicos, aos encadeamentos do destino, às casas do Zodíaco, ao mito do eterno retorno, é uma coisa completamente diferente, pois adquire o valor de símbolo Mas, ao afastar-se do significado convencional, abre caminho à interpretação subjetiva (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1982, p.10).

Diante disso, compreendemos a Porca e o Santo como signos que adquirem valor de símbolo, pois são dois elementos que estão permeados de ideologia. De acordo com Miotello (2010), a ideologia é um conceito fundamental no pensamento de Bakhtin. Inicialmente, a crítica realizada por Bakhtin (2006) era de que, até o momento, a produção teórica marxista não havia colocado o problema do estudo da ideologia no lugar certo, tratando o tema de forma mecanicista. A perspectiva defendida pelos estudiosos marxistas, psicólogos, linguistas e pesquisadores em geral das Ciências Humanas posicionava-se sobre a questão da ideologia como um aspecto de forma pronta, resultando do mundo da natureza ou mesmo do mundo transcendental.

Nesse sentido, para Bakhtin (2006), era necessário romper com essa perspectiva de compreender esse fenômeno como algo interiorizado, compreendido como uma ideia fixa na mente do sujeito. Diante dessa realidade,

¹ Informação retirada do endereço eletrônico: <https://oespecialista.com.br/caderneta-poupanca-porco-simbolo/>

o marxista postula que a ideologia é cristalizada no movimento, sempre ocorrendo entre a instabilidade e a estabilidade. Sendo assim, Miotello (2010) postula que o marxismo oficial entende a ideologia como uma “falsa consciência”, compreendida como ocultamento e máscara da realidade social, sendo mantida pelas forças dominantes e aplicada para legitimar o poder. Além disso, Bakhtin (2006) reconstrói essa concepção, conjecturando conceitos como a ideologia oficial e do cotidiano.

Bakhtin (2006) salienta que todo conteúdo ideológico possui sempre um índice de valor social que chega à consciência do indivíduo, tornando-se índices individuais de valor. Dessa forma, a consciência individual os absorve como sendo seus e essa consciência adquire forma e passa a existir nos signos, criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Assim, todo elemento que atua como signo ideológico² tem uma encarnação material, seja como cor, como massa física, como corpo ou outra coisa qualquer, ou seja, um signo é sempre um acontecimento do mundo exterior, essa concepção fica bastante clara no funcionamento da linguagem, “a realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo” (BAKHTIN, 2006, p. 26), pois a palavra³ é a significação mais autêntica da relação social da comunicação. Essa realidade determina a palavra como material semiótico da consciência individual, mesmo que a existência da palavra resulte do consenso comunicacional entre os indivíduos, assim a palavra acompanha todo ato ideológico.

A partir dessa perspectiva, grupos específicos estabelecem sistemas específicos. De um lado, existe a ideologia oficial, como uma forma de estrutura relativamente estável e do outro a ideologia do cotidiano, como acontecimento, mais ou menos instável, mas ambos os fenômenos solidificados em um contexto

² Cabe ressaltar como Bakhtin (2006) exemplifica a materialidade do funcionamento do signo. Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo, assim o signo, objeto físico, não deixa de fazer parte da realidade material, mas passa a refletir e refratar outra realidade. Um instrumento também pode ser convertido em signo ideológico, como por exemplo, a foice e o martelo, como emblema da União Soviética e que possuem sentido puramente ideológico. Sendo que para o autor qualquer produto de consumo pode ser transformado em signo ideológico. Então, a existência do signo nada mais é do que a materialização de uma comunicação.

³ Nas palavras de Bakhtin (2006) a palavra não é somente o signo mais puro, ela também pode ser considerada um signo neutro, tendo em consideração que cada um dos demais sistemas é específico de algum campo particular da criação ideológica, possuindo seu próprio material ideológico e símbolos que lhe são específicos do seu domínio. De maneira oposta, a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica, então ela é possível de preencher qualquer função ideológica: estética, científica, religiosa e moral.

ideológico⁴, em uma relação recíproca, inserido em um processo de reprodução social (MIOTELLO, 2010). Sendo assim, cada época, cada grupo social tem seu conjunto de formas discursivas na comunicação sócio-ideológica. Para Bakhtin (2006), cada forma de discurso social, corresponde a um grupo de temas que são inteiramente determinadas pelas ligações de produção e pela estrutura sócio-política, assim, a ideologia que perpassa a comunicação cotidiana é capaz de produzir um processo de evolução e repercutir as mudanças sócio-ideológicas.

Diante dessas considerações, Miotello (2010), procura compreender o estudo da ideologia e sua relação intrínseca com a linguagem na perspectiva bakhtiniana, em que grupos organizados nas relações sociais outorgam a objetos materiais do mundo significações e assim passam a significar além de suas próprias particularidades materiais:

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando- a como verdade ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. E o campo privilegiado de comunicação contínua se dá na interação verbal, o que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico (MIOTELLO, 2010, p.170).

Cada signo se envolve de significações próprias, produzidas por interesses de grupos específicos. Então, em uma sociedade permeada de embates e contradições de classes sociais, cada signo pode refletir ora a ideologia do dominante e, em outro momento, a ideologia do oprimido, sendo a linguagem um lugar bastante completo da materialização dessa relação. Bakhtin (2006) contempla a comunicação da vida cotidiana um espaço essencial para a constituição e materialização desse fenômeno.

⁴ Diante dessas reflexões teóricas, é possível reverberar que podemos ouvir alguém dizer em uma fila de supermercado “Estou desempregado a 1 ano, a situação está muito difícil.”, e do outro lado, em um veículo de comunicação, a declaração que “A taxa de desemprego cai no país apresentando melhoras no semestre.” Nesse sentido, é oportuno ressaltar que não se pode compreender a ideologia como uma ideia, mas sim, como uma tomada de posição em determinado contexto social.

Esse tipo de comunicação tem ligação direta tanto com os processos de produção material da vida, quanto com as esferas das diversas ideologias aqui compreendidas como estruturas de referências que trocam sentido com toda a sociedade (MIOTELLO, 2010). Então, nos encontros casuais que ocorrem no cotidiano, em qualquer situação comunicacional, aparentemente sem profundidade para o desenvolvimento de um pensamento complexo, é um terreno fértil para a instalação da ideologia, pois são nesses encontros que vão germinando solo para o universo dos signos, nesse sentido, a palavra é revestida de fios ideológicos.

Nesse ponto, é necessária uma breve digressão, um dos primeiros questionamentos que surgem ao se analisar uma obra literária tendo como foco materialidades discursivas em que é possível cristalizar uma análise acerca da ideologia permeada na palavra e no simbolismo, como é o caso da obra *O Santo e a Porca*:

EURICÃO — Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranquilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é “ou ele ou nada”! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo deseja a sua beleza, a sua bondade. É melhor levá-la para um lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo (SUASSUNA, 2012, p.54).

Surge um embate ideológico no signo da Porca e do Santo. Neste ponto, o Santo Antônio sai do seu altar e a Porca é elevada como signo de devoção, por representar a esperança de um futuro melhor. Se antes o sujeito nordestino pobre coloca sua fé e sua devoção no santo, na religiosidade, Euricão fruto de uma existência de privações, consegue guarda todo seu dinheiro na Porca e a endeusa por representar a poupança, se antes existia uma ideologia que clamar e ser devoto do Santo Antônio iria melhorar sua vida, agora é a devoção pela porca que irá garantir uma existência em paz.

Vigotski (2009) esclarece que encontramos no significado da palavra essa unidade que reflete da forma mais simples a unidade do pensamento e da

linguagem. Ou seja, “a palavra⁵ desprovida de significado não é palavra, é um som vazio” (VIGOTSKI, 2009, p.398). Logo, o significado é um traço indispensável da palavra. Deste modo, a palavra é um fenômeno do discurso:

Assim, o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa a sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica. O significado da palavra é só um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado a palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (VYGOTSKY, 2009, p.398).

No cerne dessa dinâmica, a palavra funciona como uma engrenagem da memória social, e, por conseguinte, o pensamento linguístico passa das formas abstratas primitivas para formas superiores e complexas que encontram expressões no desenvolvimento das palavras. Então, Vygotsky (2009) explica que no funcionamento do pensamento discursivo de um sujeito maduro se pode compreender um movimento linear, que acontece em uma superfície por vias associativas entre a palavra e o seu significado e entre o significado e a palavra. Assim, a compreensão da linguagem consiste numa cadeia de associações, que surgem na mente sob a influência das imagens semióticas das palavras, porém, “uma vez que o significado da palavra pode modificar-se em sua natureza interior, modifica-se também a relação do pensamento com a palavra.” (VYGOTSKY, 2009, p. 408). Dito isto, a relação entre o pensamento e a palavra é um processo, um movimento, ressaltando que o pensamento⁶ se realiza na palavra.

Essa compreensão dessa complexa relação linguagem/pensamento/palavra, permite a Vygotsky (2009) fazer uma distinção entre o sujeito gramatical e o psicológico:

⁵ Para Vygotsky (2009), a palavra lembra o seu significado da mesma forma que um casaco de um homem conhecido lembra esse homem ou o aspecto externo de um edifício lembra os seus moradores. Assim, nessa conjectura, o significado da palavra, uma vez estabelecido, não pode deixar de desenvolver-se e sofrer modificações, então a associação que vincula a palavra ao significado pode ser reforçada ou debilitada.

⁶ O que importa compreender para Vygotsky (2009), é que todo pensamento procura estabelecer uma relação entre as coisas, realizando um movimento, um fluxo, assim, cumprindo uma função, executando algum trabalho. Vale salientar que para o estudioso o pensamento e a palavra não se estruturam pelo mesmo modelo, sendo a linguagem não um simples reflexo especular da estrutura do pensamento, mas sim, ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica.

É pouco provável que exista uma via mais incorreta para interpretar o sentido espiritual de algum fenômeno linguístico que a via da interpretação gramatical. Por esta via surgem inevitavelmente erros de interpretação, determinados pela discrepância entre a articulação psicológica e a articulação gramatical do discurso. No prólogo de sua peça *O duque Ernst Von Schwabwn*, Uhland diz: “Uma cena grave irá descortinar-se diante de vós.” Do ponto de vista da estrutura gramatical, “uma cena grave” é sujeito, e “irá descortinar-se” é o predicado. Mas, do ponto de vista da estrutura psicológica da frase, daquilo que quis dizer o poeta, “irá descortinar-se” é o sujeito e “uma cena grave” o predicado. O poeta quis dizer isto com as palavras, o que vai acontecer diante de vós é uma tragédia. A primeira coisa que o espectador teve em mente foi que diante dele se passaria uma cena. É isto que diz a frase, isto é, o sujeito psicológico. A novidade acrescentada a este sujeito é a noção da tragédia, que é o verdadeiro predicado psicológico (VOSSLER *apud* VYGOTSK, 2009, p.414).

Logo, determinadas categorias gramaticais escondem categorias psicológicas. Vygotsky (2009) defende que qualquer termo integrante de uma oração pode torna-se predicado psicológico. Como o objetivo dessa pesquisa é analisar o simbolismo da porca e relacionar esse elemento em detrimento a palavra santo utilizada diversas vezes ao longo da peça, esses conceitos são de extrema importância, tendo em vista, que subsidiária uma análise mais precisa acerca do recorte metodológico do *corpus*, descortinando os mecanismos que estão por trás das escolhas das palavras que compõem a produção discursiva do texto literário.

Assim, retornando ao pensamento bakhtiniano, pode-se refletir em palavras que aparecem com frequência em *O Santo e a Porca*, como “santo”, “porca”, “dinheiro”, “lei”. Todas elas coexistem e também apresentam contradições ideológicas, assim, salientado que qualquer palavra pode ser tecida por uma multidão de fios e ecoar nos signos ideológicos, sendo a palavra produto ideológico vivo, que passa a funcionar em uma situação social e conseqüentemente tornando-se signo ideológico.

3 ENTRE A PORCA E O NEOLIBERALISMO: UMA CAMINHADA PELA CRÍTICA SOCIAL

Na obra *A Nova Razão do Mundo*, Dardot e Laval (2013) refletem que o capitalismo é intrínseco a história e suas transformações, das suas lutas e dos descarrilamentos sociais, ou seja, o novo modelo econômico neoliberalismo transformou o modo de vida dos indivíduos. Nesse plano, o neoliberalismo não é somente uma ideologia, é uma espécie de política econômica. Um sistema que amplia sua influência ao redor do mundo, estendendo a lógica do capital a todas as esferas da vida, nesse sentido, atuando sobre as relações sociais. É através desse olhar que iremos subsidiar nossa análise, pois durante a obra *O Santo e Porca*, é possível notar que a relação de Euricão com seus funcionários, sua obsessão pela porca e até mesmo sua fé é permeada por um pensamento de origem neoliberal.

EUDORO — Então sempre em saúde e prosperidade, hein?
EURICÃO — É dinheiro, não tem pra onde! Prosperidade, eu?
Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!
EUDORO — Que é que adianta a terra, Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.
EURICÃO — É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça (SUASSUNA, 2012, p.43).

No olhar de Byung Chul-Han (2020), o neoliberalismo, como uma espécie de mutação do sistema capitalista, transforma o trabalhador em um empreendedor de si mesmo. Não é mais a revolução comunista que irá eliminar a desigualdade social e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora, ou seja, cada um é um trabalhador que explora a si mesmo e ganha para a sua própria empresa. Na citação acima, ocorre um diálogo entre Euricão e Eudoro, sendo Eudoro um grande proprietário de terra que de fato possui poder capital. Euricão utiliza dos dizeres “Os ricos, como você, contam dinheiro e os pobres como eu, desgraça”, nessa fala percebemos que sem poder capital, só existe desgraça para o indivíduo que não tem dinheiro, como a fome e outras formas de existência miserável.

Contudo, a crítica social existente nessa obra é na relação que Euricão tem com seus funcionários ao seu redor, mesmo sendo alguém de origem pobre, tendo acumulando uma riqueza dentro de sua porca. Euricão ainda vive de forma miserável e não pode ser considerado alguém dono de um poder capital elevado, porém, mesmo submerso nessa realidade, ele é alguém que reflete o pensamento neoliberal, ainda que se encontre pertencente ao grupo que é submisso ao neoliberalismo, não gerando grandes fortunas. Euricão age sobre um pensamento capitalismo, de individualismo.

EURICÃO — Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal! Dodó, Dodó! Dodó Boca-da-Noite! (SUASSUNA, 2012, p.46).

A relação fica implícita na citação acima, vindo da classe trabalhadora e com muito esforço conseguiu comprar um pedaço de terra. Euricão passa a exigir que seus funcionários trabalhem em condições de misérias, tal como os senhores de grandes fazendas fazem com seus funcionários. Ariano descreve um personagem que por mais que tenha sido fruto da miséria e fome nordestina, escolhe guardar todo o seu dinheiro acumulado de uma vida de trabalho, para ter um sentimento de posse, do que tratar os seus funcionários com dignidade, tal reflexo social é muito denunciado no sistema neoliberal, as relações de desigualdade existente. O que faz o leitor refletir, como Euricão que vem da pobreza, quando consegue ter uma melhor condição de vida, trata os seus semelhantes com avareza e falta de empatia? Pensando nesse questionamento:

Por isso, o relativo descrédito que atinge hoje a ideologia do laissez-faire não impede de forma alguma que o neoliberalismo predomine mais do que nunca enquanto sistema normativo dotado de certa eficiência, isto é, capaz de orientar internamente a prática efetiva dos governos, das empresas e, para além deles, de milhões de pessoas que não têm necessariamente consciência disso. Este é o ponto principal da questão: como é que, apesar das consequências catastróficas a que nos conduziram as políticas neoliberais, essas políticas são cada vez mais ativas, a ponto de afundar os Estados e as sociedades em crises políticas e retrocessos sociais cada vez mais graves? Como é que, há mais de trinta anos, essas mesmas políticas vêm se desenvolvendo e se aprofundando, sem encontrar resistências suficientemente substanciais para colocá-las em xeque? (DARDOT; LAVAL, 2013, p.100).

Nesse ponto, nos deparamos com a crítica social brilhantemente cristalizada na obra *O Santo e a Porca*, como depois de tanto sofrimento, de passar fome e outras necessidades primordiais.

DODÓ — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo!

PINHÃO — Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chegou aqui ainda não recebeu um tostão!

DODÓ — O golpe dele é esse! Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados (SUASSUNA, 2012, p.67).

Euricão não tem empatia por seus semelhantes, não procura solidificar uma existência de trabalho digno para seus funcionários. Reflete a existência do sistema que lhe oprimiu e oprime milhares de outros, agindo de forma individualista e querendo somente “juntar” cada vez mais dinheiro, mesmo que a custa de sofrimento e pobreza dos outros. Pensando nesta reflexão, o neoliberalismo não age somente em grandes instituições, em grandes empresas, ele age diretamente sobre as formas de relações sociais, as subjetividades, a forma de vida, ou seja, o comportamento social, como encaramos o outro:

O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. Há quase um terço de século, essa norma de vida rege as políticas públicas, comanda as relações econômicas mundiais, transforma a sociedade, remodela a subjetividade (DARDOT; LAVAL, 2013, p.150).

Assim, o neoliberalismo não é apenas uma forma de organizar ações das instituições que comandam a multidão, ele também estrutura a forma de agir dos governantes, sua própria conduta, principalmente a concorrência para ganhar cada vez mais do que seus semelhantes e ser melhor, notamos que

Euricão é um indivíduo governado pelo neoliberalismo, alguém que mesmo não tendo o poder de grandes instituições, fruto da miséria, age de acordo com o pensamento neoliberal de individualismo, dominado por uma convicção capitalista.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Nesse estudo, procuramos entender como o escritor Ariano Suassuna por meio de sua produção teatral *O Santo e a Porca*, publicado no ano de 1957 constrói uma crítica social ao neoliberalismo e ao modo de vida capitalista. Diante do exposto durante a nossa pesquisa, lançamos um olhar a uma trama centrada no personagem Euricão Árabe, considerado por todos ao seu redor como um velho “mão de vaca”, “agarrado” e “sem coração”. Contudo, no desenrolar do fio dramático o leitor percebe que Euricão é um homem sofrido, tendo passado por angústias existências, tal como a miséria, fome, o abandono de uma mulher, criado uma filha sozinha e que durante sua existência conseguiu guardar em uma porca herdada de sua mãe, economias de toda uma vida.

É justamente nesse ponto que nossa análise é alicerçada. Olhamos para esta relação com a porca, sua devoção por Santo Antônio e a forma como são construído os outros olhares dos personagens sobre Euricão que percebemos uma forma de crítica social ao sistema neoliberalismo, pois temos Euricão, alguém pobre, que ao passar da vida, conseguiu melhorar um pouco sua existência, porém, continuou sendo avarento com seus semelhantes, tendo como único objetivo guardar mais dinheiro em sua porca, para economizar e possuir “algo”.

Nos ancoramos em teóricos como Bakhtin (2006), Bourdieu (2021), Dardot e Laval (2013), entre outros, para realizar nossa análise teórica. Dessa maneira, essa investigação desenvolvida permite a percepção de refletir acerca da força dos símbolos e sobre o sistema capitalista neoliberal e como de fato ele afeta o modo de vida, para além de ter poder sobre as instituições. O neoliberalismo também age sobre a consciência e conseqüentemente a forma de vida dos indivíduos, como é o caso do Euricão. Portanto, consideramos que esta pesquisa contribui sobre uma temática que se reveste em caráter atual, tendo em consideração que os debates acerca do modo de vida no sistema neoliberal estão bastante presentes nas grandes mídias e, ao mesmo tempo, colabora com as reflexões acerca dos símbolos utilizados e como eles atuam na memória.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16. ed. São Paulo: José Olympio Ltda, 1982.
- Decio de Almeida Prado e Paulo Emílio Sales Gomes COSTA, Lígia Militz da. **Representação e Teoria da Literatura: dos gregos ao pós-moderno**. Cruz alta: UNICRUZ, 1998.
- GONÇALVES, Isabella Albuquerque. **O rapsodo nordestino**. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Cap. 3.
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin Conceitos-Chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 160 - 177
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- SUASSUNA, Ariano. **O Santo e a Porca**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2012.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KOWZAN, Tadeus. **Os signos do teatro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.